

MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO

Regina Pentagna Petrillo

Em a *Era dos extremos*, o historiador Eric Hobsbawm, delimitando o século XX entre 1914 e 1991, afirma que estamos vivendo hoje o início de uma nova era:

“Não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou” (Hobsbawm, 2005, p. 15)¹.

Fredric Jameson também aponta no final da década de 80 a emergência de um novo tipo de vida social e de uma nova ordem econômica: o capitalismo tardio (Jameson, 1985, p. 17 e 2004, p. 24, 25, 29). Para o sociólogo, o capitalismo tardio constitui a mais pura forma do capital surgida até então: pela primeira vez na história, o capitalismo aproxima-se de constituir um sistema universal penetrando em todos os aspectos da vida, do Estado, das práticas, das ideologias e da cultura.

O Brasil, a partir de meados da década de 1980 passou por profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Em 1985, termina o regime militar e nesta mesma década, a “modernização” do país empreendida desde a década de 1960 com base, sobretudo, na industrialização, acelera-se. A partir da década de 1990, a despeito do descompasso presente em todos os níveis, devido à convivência de atraso e progresso, de miséria e de sofisticação tecnológica, assiste-se a inserção do país no circuito do capitalismo avançado.

¹ O historiador afirma que estamos vivendo hoje o limiar de uma nova época “qualitativamente diferente” daquela do início do século em pelo menos três aspectos: o mundo deixou de ser eurocêntrico e os EUA da década de 1990 vêem o “Século Americano” às suas costas, sua era de ascensão e triunfo; em questões econômicas, sobretudo, o globo é agora a unidade operacional básica (os “Estado-nação” territoriais, soberanos e independentes, foram esfacelados pelas forças de uma economia supranacional ou transacional); desintegração de velhos padrões de relacionamento social e humano, e com ela, a quebra dos elos entre as gerações, quer dizer, entre passado e presente. (*Ibid.*, p. 23, 24).

Mundialmente, a globalização trouxe crise em todas as esferas: social, política, econômica. Sob o primado do capitalismo avassalador e da economia neoliberal, com suas imposições e conseqüências, os indivíduos vêem-se diante de um mundo em crise, marcado por incertezas e desintegração.

No universo contemporâneo, os indivíduos são forçados a lidar cada vez mais com a descartabilidade, a novidade e a perspectiva da ausência instantânea de modas, produtos, técnicas, idéias, valores e práticas estabelecidas. Neste cenário veloz e volátil, em que nunca foi tão presente a sensação de que “tudo que é sólido se desmancha no ar”, o império é do agora, como mostra David Harvey².

Para Hobsbawm a destruição do passado – ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas – é o fenômeno mais característico do final do século XX. Nessa sociedade, diz o historiador, indivíduos egocentristas sem nenhuma conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação imediata (o lucro, o prazer etc.) vivem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público de sua época (Hobsbawm, 2005, p. 13, 25).

Norteadas pelas considerações acima, analisarei o diálogo memória/identidade traçado pela literatura brasileira da modernidade

² David Harvey mostra que a transição para a acumulação flexível, feita em partes por meio da rápida implantação de novas formas organizacionais e de novas tecnologias produtivas, implicou uma intensificação dos processos de trabalho e uma aceleração necessária ao atendimento de novas necessidades de produção e que esta aceleração generalizada dos tempos de giro do capital teve como conseqüência a intensificação da volatilidade e da efemeridade de modas, produtos, técnicas de produção, processos de trabalho, idéias ideológicas, valores e práticas estabelecidas. Por intermédio de mecanismos altamente eficazes da perspectiva do giro dos bens de consumo as pessoas foram forçadas a lidar com a descartabilidade, a novidade e as perspectivas de ausência instantânea, desencadeando influências nas maneiras pós-modernas de pensar, de sentir e de agir. Ou seja, a ênfase nos valores da instantaneidade e da descartabilidade significou, também, ser capaz de atirar fora valores, estilos de vida, relacionamentos estáveis, apego a coisas, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e de ser. Ainda segundo Harvey, podemos vincular a aceleração dos tempos de giro do capital (na produção e no consumo) com, termo de Jameson (2004, p. 56-58), a dimensão esquizofrênica da pós-modernidade: a experiência passada é comprimida em algum presente avassalador e o futuro perde qualquer sentido. E ainda, a volatilidade e a efemeridade tornaram difícil manter qualquer sentido firme de continuidade. Cf. Harvey, 2005, p. 258-264.

tardia, para tal tomei como objeto de estudo o romance *A céu Aberto*, de João Gilberto Noll.

Em 1996, João Gilberto Noll publica *A céu aberto*. Nesta obra como nas demais, o escritor instaura uma estranha e oblíqua escrita em que se configura a recusa ao realismo e à verossimilhança. O texto rompe com a noção de verdade preexistente, de um saber aquém da linguagem. A única verdade ou realidade é aquela criada pelo próprio texto.

O livro inicia-se com uma cena que sugere uma volta ao passado infantil através da expressão “Naquele tempo” e de outras sugestões de resgate do passado por retalhos da memória. Abruptamente, no entanto, esta cena inicial é suspensa. Fica-se, então, sabendo que ela faz parte de um pesadelo do qual o narrador emerge no meio da noite. A partir daí, o leitor é introduzido no universo diegético em que se desenrolará a atribulada trajetória do protagonista narrador. Este narrador, cuja identidade não é definida, transita por um universo não muito diferente do onírico, relatando situações sem qualquer estrutura temporal numa sucessão de situações em que o real e o imaginário, o narrado e o vivido, o passado e o presente – tudo tem a mesma espessura, impedindo o leitor de separar o que é realidade do que é imaginário. Esse personagem sem nome, sem família, sem pátria e cercado por seres ambíguos tem como único dado concreto apenas o próprio corpo.

A trajetória começa com o narrador, em estado de mendicância, partindo com o irmão doente na tentativa de encontrar o pai que se encontra em um campo de batalha qualquer. A busca por um pai sem nome por personagens também sem nome já indicia a crise das identidades que estará estreitamente relacionada à indefinição de referentes espaciais e temporais e à impossibilidade do apoio na memória, na experiência vivida.

O primeiro espaço ao qual o texto alude é a “casa”.

Segundo Bachelar a casa é o primeiro mundo do ser humano, mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela afasta contingências, permite o sentido de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso (Bachelar, 1993, p. 26-27).

Em *A céu aberto*, no entanto, ela é apenas um lugar de passagem tomado de empréstimo:

Lembrei-me que acordávamos mais uma vez com aquela bruta fome. E hoje eu não poderia rondar com meu irmão pelas ruas da cidade pedindo dinheiro aos passantes, porque o meu irmão precisava antes ficar bom, a gente precisava naquele dia era ir até a frente de batalha e pedir ajuda ao nosso pai, sei lá, uma vaquinha entre os soldados para comprar remédios para o garoto, que estava ardendo em febre naquela cama suja do pardieiro que encontráramos vazio fazia tempo (Noll, 1996, p. 11).

E, da mesma forma que a casa, todos os outros espaços apresentados no texto serão apenas lugares de passagem, momentos da trajetória do protagonista. (e ainda) Estes espaços não receberão nenhuma caracterização física ou social que permita localizá-los no mundo geográfico do leitor. Por sua vez, os espaços conhecidos quando nomeadas não apresentarão nenhuma relevância na trama. Serão referências vazias, nomes que nada significam.

Em *A céu aberto*, não há, portanto, lugares. Há, apenas, espaços³ de itinerância por onde transitam personagens sem destino. os espaços se se apresentam indefinidos e atravessados por uma atmosfera que acentua a imprecisão a irrealidade e povoados por criaturas também irrealis, sem passado, sem elo social, sem destino que se aproximam mais à aparições, à espectros, do que a seres concretos. Tudo isso leva à idéia de um universo das margens e, portanto, da dispersão do indivíduo.

Neste espaço, o protagonista transita, inicialmente, em busca do pai. A busca do pai é, sem duvida, a busca pelas origens origens. Nesta busca pelo pai o narrador penetra no contexto de uma guerra indefinida, em país não identificado e com inimigos também desconhecidos. O pai é encontrado. Ocupa a o lugar mais importante do *front*. Não quer que a guerra cesse, guerreia por prazer. O encontro não garante a identificação do filho com o pai que o obriga a alistar-se no exército. Negando-se a participar da guerra e assinalando a inutilidade de manter uma organização que não se preocupa com os seus membros, o filho passa a desejar a morte do pai.

³ De acordo com Giddens (1991, p. 26-27), apesar das noções espaço e lugar serem frequentemente usadas como sinônimos, lugar é mais bem conceituado por meio da idéia de localidade, que se refere ao cenário físico da atividade social como situado geograficamente.

No texto, neste momento, é clara a alusão a *Totem e tabu*, de Sigmund Freud, e o trecho é o seguinte:

(...) o meu pai jamais quis contar o segredo guardado no tal ápice do monte, eu ficava olhando lá para aquela ponta culminante lá no alto e não conseguia imaginar que coisa havia ali para que o inimigo quisesse vir e tomar de nós, mais tarde escutei de algumas bocas que lá existia uma espécie de totem em cuja base estava enterrado aquele que nos primórdios ferira mortalmente a honra do inimigo (...) (Noll, 1996, p. 22).

No estudo do mito do pai primevo, Freud mostra que um pai cruel é morto pelos filhos e depois por eles devorado. Para Freud, o pai, assim como o inimigo, tem de ser silenciado para que o indivíduo ou a nação se estabeleça, a fim de que se possa construir uma nova identidade (individual e/ou coletiva) e a devoração totêmica simboliza a identificação dos filhos com o pai que, deste modo, continuam submissos/ obedecendo à sua lei.

No texto do Noll, o desejo de matar o pai não se concretiza. A identificação com o pai não ocorre e o filho transgredir a lei do pai com deserção.

Entendendo a figura do pai como representação da cultura, da civilização ou de um determinado corpo social, a deserção do protagonista significa a sua ruptura com os códigos da cultura paterna.

Da mesma forma que o pai biológico não garante identidade ao filho, os pais substitutos, (Arthur, homossexual por quem o personagem nutre uma paixão não resolvida, o filho de Arthur, que é a cara do pai, o comandante do navio, um pai castrador que prende e protege para satisfação de seus desejos) que aparecerão no texto também não fornecem ao protagonista uma identidade estável, antes reforçam a ambigüidade. Sobretudo a ambigüidade sexual será bastante enfocada na obra. O protagonista, Artur, o filho deste e o irmão do protagonista (ser indefinido/andrógino: ora irmão do protagonista, ora mulher) ressaltam o desejo de ruptura com as fronteiras entre os gêneros. Instaurando uma sexualidade difusa, indefinida, e, na maioria das vezes, perversa.

Sem nome, sem lugar, sem origem, excluído do universo social, excluído da condição de cidadão, o protagonista tem construir a identidade por outra via.

A memória também constitui um fator de identificação. É na memória que se reconhece o que nos distingue e nos aproxima. Mas no universo dos personagens de *A céu aberto* a memória encontra-se em processo de decomposição, a caminho da inexistência. Todos os dados que possibilitam a constituição da memória – datas, diacronia, precisão espacial e temporal – são suprimidos ou esvaziados pela descontinuidade delirantes das coordenadas espaciais e temporais (por um espaço múltiplo e sem contornos definido e por um tempo indeterminado).

A indeterminação temporal percorrerá o texto e pode ser percebida logo nas primeiras páginas da narrativa quando o narrador mostra dificuldade em situar-se temporalmente:

Sacudi o meu irmão na cama ao lado e perguntei se ele ouvira as badaladas do sino do meio-dia... ao meio dia de ontem ou de hoje?, eu mesmo perguntei distraído (Noll, 1996, p. 10).

Esta indeterminação inicial é radicalizada mais à frente e o narrador confessa a sua incapacidade de unir o que veio antes ao que aconteceu depois:

Tudo me confunde já: custo a unir o que veio antes ao que aconteceu depois, e quando canto começo de uma canção e termino estando em outra (Noll, 1996, p. 81).

A incapacidade de unir o que veio antes ao depois estabelece a ruptura entre o passado e o presente, impedindo o indivíduo de ordenar os eventos que acabam misturados e sem ligação. Deste modo, o tempo é reduzido, nos termos de Jameson, a uma dimensão esquizofrênica: a um presente contínuo que não acumula e nem prende nada do passado. O personagem vive em um fluxo contínuo feito de múltiplos presentes desconectados que o envolve em acontecimentos cuja significação se esgota na mera faticidade (ato mecânico imediato). Preso à faticidade, sem passado, no anonimato e excluído da tradição, o indivíduo enfrenta o vazio mnemônico e o corte com a “experiência” (no sentido benjaminiano: *erfahrung*). Perde-se, portanto, a capacidade de sintetizar os eventos individuais e de transformá-los, através do ato comunicativo, em conhecimento, em experiência coletiva capaz de construir a tradição, de estruturar elos coletivos. A experiência, bem como a memória, ocorre em função de uma rede de relações entre lembranças individuais e coletivas e pressupõe a inserção do indivíduo na tradição coletiva.

É também da inter-relação entre o individual e o coletivo que se forja a identidade. Mas, em *A céu aberto*, o indivíduo encontra-se, apartado do passado, desgarrado da existência coletiva e da possibilidade de encontro com a alteridade (com o outro).

A viagem sempre foi, na modernidade, a figura fundamental do encontro com a alteridade. Através da viagem dá-se o contato com a alteridade – histórica, geográfica ou experiencial – que possibilita ao indivíduo efetuar uma síntese do passado e um salto na sua formação. Na obra de Noll, o deslocamento do personagem pelos vários espaços ou mesmo a viagem literal por ele empreendida não conduz a nada, não possui função edificante ou pedagógica. O navio em que ele embarca como clandestino não o leva a nenhum lugar, é espaço da deriva, do transito aleatório, e de aprisionamento, já que o protagonista torna-se um prisioneiro, escravizado pelo desejo libidinosos do comandante.

Os caminhos, percorridos pelo protagonista de Noll, só o levam a mesmice temporal. A mirada ao passado não o permite encontrar nada com que se identificar ou reconhecer. Mas, apesar da fragmentação, dos vazios produzidos pela lembrança, não há nada a ser reconstruído.

Em meio a superposição de fatos, delírios e de uma sexualidade desenfreada, o protagonista surge descontente com a existência

Já pensei até em me matar. Nos últimos anos, quando a solidão me deixava bem esbugalhado e os dias se repetiam a ponto de eu pensar que entrara sem perceber numa câmara de torturas, sim, nesses dias pensei em me matar (Noll, 1996).

Sem passado, solitário e errático o personagem de *A céu aberto* é apenas um colecionador de sensações e consumidor de impressões cuja única certeza é a sensação de vazio.

No riso ao final da narrativa, momento em que o personagem está no limiar da morte: “na passagem do estado bruto da vida para uma espécie de existência mais difusa e elementar”, mais do que indiferença está a certeza de que está sem proteção – a “céu aberto:

Eu podia aprender a rir no que me faltava de tempo. Os passos ríspidos agora pelo corredor faziam o piso do quarto estremecer. Rir, dar uma boa gargalhada como se estivesse a céu aberto, logo ali, perto do mar (Noll, 1996, p. 164).

O mundo construído de objetos duráveis foi substituído pelo de produtos disponíveis projetados para a imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como os objetos (Lasch, *apud* Bauman, 1998, p. 112), tornando cada vez mais difícil o desenvolvimento de uma identidade estável. Bauman ressalta que, que o terrível desta nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode ser inútil; por outro lado, o fascínio da nova situação se acha no fato de não estar comprometida com o passado, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre mantendo as opções abertas. Entretanto, tanto o lado terrível quanto o fascinante, fazem a vida como peregrinação dificilmente factível e sem grande possibilidade de sucesso.

A mimesis instaurada pela obra de João Gilberto Noll, ainda que não estruture uma relação imediata com a realidade retrata as condições da pós-modernidade, em particular, da conflituosa experiência do espaço e do tempo e as conseqüências destes sobre a memória e a identidade.

É pena que a obra não seja capaz de Noll não seja capaz de derrubar modos estabelecidos de ver nem transcender as características antagônicas do momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELAR, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos – o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 2005.

JAMESON, Fredric. “Pós-modernidade e sociedade de consumo”. In: *Novos Estudos Cebrap*, nº 12, São Paulo: Cebrap, junho de 1985.

———. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 2004.

NOLL, João Gilberto. *A céu aberto*. São Paulo: Cia. das letras, 1996.